

Discurso proferido pelo Diretor

PROF. GUERRA BLESSMANN

Magnífico Reitor, Excelentíssimas Autoridades Cíveis, Militares e Eclesiásticas, Senhores Professores, minhas senhoras, meus senhores!

Uma nova eleição, em que os eleitores foram surdos ao pedido de uma trégua, uma nova escolha, onde não nos era mais lícito intervir, obrigam-nos a permanecer no posto. Impuseram-nos e a vós outros, cuja assistência enche-nos de orgulho, a presença nesta cerimônia a que, determinações legais também não nos permitiam fugir.

Entendíamos de justiça um repouso após nove anos de direção à frente de nossa gloriosa Faculdade; outro foi o vosso sentir, outra a vossa resolução, senhores professores.

Assim também não o quis o emérito Presidente Getúlio Vargas, a quem rendemos, neste momento, nossas respeitadas homenagens, com os agradecimentos sinceros pelo apoio que sempre dispensou a esta administração, encarando e resolvendo com simpatia e patriotismo os nossos problemas.

Desde 28 de agosto de 1944, quando assumimos a direção, encontramos, de todos aqueles com quem tivemos de entrar em contato, desde as mais altas autoridades, aos professores, alunos e funcionários desta Casa, a mais decidida colaboração, o empenho de auxiliar-nos no cumprimento da tarefa que tomamos sobre os ombros. A todos não sei como agradecer. É que a gratidão não se pode traduzir em palavras; ela é sentida e, quando profunda, deve ficar resguardada e inviolada pelo silêncio no íntimo de nossa consciência.

Como professor, nesta longa carreira de magistério, traçamos de início a linha a percorrer, e, vós outros, com a vossa decisão, permitae, que, neste ato, digamos quanto nos conforta e cativa, quanto nos comove e alegra, a oportunidade que nos destes, para em rápida visão retrospectiva, vermos diante de nós e relembarmos saudosos

todos os que, nossos antigos mestres, souberam incutir-nos os preceitos que orientaram sempre as diversas fases de nossa vida.

Foram êles que nos demonstraram a verdade, que tantas vêzes vimos confirmadas, da sentença de Antônio Vieira — o homem pode tudo quanto quer, desde que limite seu querer às raías do seu poder.

Dentro de nossa Escola, srs. professôres, sois os semeadores que só têm uma finalidade: tornar rica e profusa a sementeira.

Vós, srs. alunos, sois as sementes que lançadas à terra devem produzir e a vossa juventude não esconde o gérmen oculto que tem de dar origem às cousas venturosas, fazendo renascer crença, fé e esperança para que, com tranquila serenidade, levemos avante a parcela que nos cabe na grande obra da educação nacional. Com o vosso convívio, temos que reconhecer e louvar as vossas atitudes.

Os funcionários, dedicados e zelosos, irmanados na prática do dever, bem compreendido e cumprido, foram os auxiliares de todas as horas, no afã inegável de manterem os elevados créditos que sempre gozaram. Para o muito que lhes devemos, o pouco que sinceramente expressamos: um muito obrigado.

A todos os que aqui exercem suas atividades, sem deixar de reconhecer o crédito que conosco conquistaram, um fervoroso apêlo para que como até hoje, continuem no labor incessante por um contínuo progresso, por um sucessivo desenvolvimento, sem obstáculos que não sejam transpostos, sem vacilações que conturbem, sem dúvidas que atormentem, sem esmorecimentos ou fraquezas que aniquilem.

Na época que atravessamos, quando por todos os lados, em todos os setores, surgem os estrepitosos e ruinosos efeitos de variadas e decantadas crises e entre elas infelizmente, com a prioridade que lhe compete, realça e sobressai a crise moral, recordemos que as escolas têm de ser o quartel-general da única força disciplinada e bem conduzida que se lhe poderá opor — a educação.

E' pela educação da criança, do jovem e do adulto que conseguiremos opor uma barreira, levando à extinção, os múltiplos males que pelo mundo afora avassalam e destroem econômica, social, física e moralmente a sociedade em que vivemos. Não basta instruir: forçoso é educar; educar dentro das Universidades; pois, devemos reconhecer que o hábito tradicional de apenas instruir nos cursos superiores, exige, para o bem da humanidade, ser modificado e devemos atentar para a correção de atitudes e costumes, tão freqüentemente descontrolados e assim provocadores dos muitos tormentos que nos afligem.

Se o primeiro grito de dor que ecoou na selva primitiva foi, como diz Victor Robinson, o primeiro chamado médico, no dia

de hoje, quando em tôdas as aglomerações humanas, múltiplos, contínuos e reboantes gritos assinalam as inquietações que martirizam os seres humanos, nós médicos devemos acorrer para indicarmos e realizarmos as medidas terapêuticas, capazes de dominar as ânsias torturantes ou as angústias mortais.

A medicina dantanho limitou-se a curar moléstias do corpo; a de hoje tem de resolutamente intervir para também evitá-las bem como para curar e prevenir os males sociais e morais. Não só a profissão médica, a quem cabe uma grande tarefa, carece ser mobilizada: nas Universidades, professores e alunos têm de reconhecer a responsabilidade que também lhes toca, e acudir à convocação.

Para que este exército possa convenientemente cumprir sua missão, é preciso que ele esteja convenientemente armado e municiado.

Com armas e munições adequadas, poderá ser feita obra construtiva, onde estarão dissipados os estertores das inquietações desoladoras, onde serão ouvidos os acordes harmoniosos de hinos entoados fraternalmente por homens cheios de confiança e de fé.

Para isto dentro das Universidades, no âmbito de nossas escolas é inevitável aceitarmos com convicção e nos empenharmos com ardor, no trabalho silencioso, mas cheio de recompensas, de reconhecermos o que precisamos fazer, após a análise e compreensão do que é útil praticar.

No mundo atual, o exercício de uma ação independente visando mais o interesse individual do que o interesse coletivo ou comum, acarreta um espírito combativo, egoístico que, frequentemente se acentua com exagero, chegando a entrar o progresso e a criar várias das angustiosas situações que assolam a humanidade.

Em qualquer organização, os erros e desgovernos, resultantes de falta de estrutura, de defeitos constitucionais, só poderão ser dissipados por uma solidariedade estreita de todos os que nela trabalham.

Devemos estar atentos para o incessante reajustamento, visando restabelecer o equilíbrio perturbado de forças físicas, biológicas e sociais, equilíbrio êsse obrigatório para que aquelas organizações possam ser mantidas.

Por vêzes, muitos dos diferentes defeitos resultam de um conhecido grau de incapacidade em reconciliarmos as posições pessoais, com as concepções que a sociedade moderna tem de suas situações concretas.

Qualquer membro de uma organização exerce sua atividade temporariamente: as pessoas se substituem com frequência; cada uma deve ter responsabilidade na realização de tarefa comum, para o que precisa necessariamente possuir o conhecimento do gênero, da qualidade e da maneira pela qual vai utilizar as próprias forças e as estranhas que possa dispor.

Qualquer que seja a organização — e com sobradas razões nas Universidades — tôdas as pessoas que se congregam têm de exercer, algumas ou tôdas, as suas atividades coordenadas conscienciosamente.

Elas devem ser os agentes de ação: mas, a ação não pode ser pessoal. Só assim mantendo uma regularidade em suas atividades pode perdurar a instituição; é preciso boa vontade traduzida por abnegação e despersonalização de uma ação individual.

Na época que atravessamos, todos sentimos a necessidade premente de uma reforma das instituições educacionais brasileiras e muito especialmente, por dever de officio, agora, cabe-nos acentuar algumas que se impõem no vasto capítulo da educação médica a qual, para ser frutuosa, deve encontrar alicerces em uma modificação geral do ensino Universitário.

Para o que almejam todos, professores e estudantes, impõe-se, como princípio de elevada significação democrática, a autonomia Universitária e dentro dela a autonomia de seus institutos.

O regime até aqui seguido de domínio-submissão, não consegue mais ser mascarado pelo extenso verbalismo com que se procura simular uma orientação democrática e tem que ser banido; a carta de alforria do ensino Universitário, precisa ser promulgada a fim de evitarmos freqüentes e deletérias manobras de oportunismo, para que possamos assumir em tôda a plenitude, um regime de responsabilidade, para que a liberdade democrática impere então em ambiente claro e desanuviado, não como até aqui confusa e equívoca.

Os membros do corpo docente universitário não podem ficar surdos aos reclamos da sociedade em que vivem, precisam dizer a verdade; o nosso regime educacional vasado em princípios obsoletos e atualmente imprestáveis, deve ser urgentemente modificado para que não persistamos em um regime aniquilante onde o progresso não pode chegar, onde o desajustamento entre o que se faz e o que é preciso fazer é universal.

Como professores não devemos desconhecer a responsabilidade que assumimos, tendo consciência do que nos incumbe fazer.

Inicialmente temos de falar claro, sem subterfúgios; temos que dizer a verdade, capaz de chocar transitòriamente, mas que, por cristalina e transparente, não deixará nódoa indelével.

Não se trata de organizar rol de culpados ou de incriminar atitudes; é forçoso, em função de officio, encaminhar-mo-nos, como pudermos, pela única vereda que se nos antepõe na hora presente. — a da reforma.

Não podemos ficar inertes, sujeitos a um regime estático e asfixiante, suficientemente calcificado, por demais conservador, resistente às novas idéias e às modernas práticas, prêso a uma tradição que já não pode ser mantida, a precedentes que não merecem ser lembrados.

Vivemos dentro de nossas escolas em um regime autocrático, no qual o professor sente escassear a mínima responsabilidade que lhe cabe, quando almeja ter toda a que lhe deveria tocar.

Os nossos professores sabem que a responsabilidade de cada um com suas escolas é primariamente assinalada pelo empenho em contribuir para resolver os diferentes problemas que dizem respeito às suas atividades.

Não desconhecem que, como afirmam Deitrick e Berson, em uma Faculdade de Medicina mais do que a organização de um currículo exato, vale a qualidade de uma Congregação e a sua atitude em relação ao interesse que toma pela educação.

Não queremos uma brusca transformação feita por determinação superior: sem indagação, comentário ou crítica, sem cooperação ou audiência dos que devem executar as decisões.

No ensino médico, a nosso ver, uma alteração radical se impõe. Não trepidamos em afirmar que por imposições legais, estamos sujeitos a antiquados sistemas que, deploravelmente, aumentam nossa insatisfação, pela rigidez absurda, no exagero de suas minúcias, dificultando qualquer adaptação, talvez capaz de atenuar um pouco seus prejudiciais efeitos, nesta época.

A obediência intransigente exigida a dispositivos de quase um quarto de século, quando neste período, muitas notáveis descobertas vieram trazer incessante progresso à medicina e à educação, quando se expandiram de modo extraordinário as que datavam do fim do século passado e do começo deste, deprime, humilha e envergonha.

Encaremos uma escola médica dentro de suas indubitáveis finalidades; o curso normal ou de graduação para obtenção do diploma de médico; os cursos de pós-graduação, sejam de especializações ou de aperfeiçoamento; a instrução dos assistentes e instrutores da própria escola e, por fim, a indispensável atenção à pesquisa científica, inseparável do ensino, para que este seja mais condigno e possa progredir.

Examinemos rapidamente alguns destes objetivos. O problema de admissão dos alunos ao curso normal, deve ser estudado como uma primeira triagem a ser feita entre aqueles que batem às portas das Faculdades.

Entre outros, o complexo papel reservado ao futuro médico impõe indiscutivelmente além de demonstrações de conhecimentos em certas disciplinas, um exame das condições de saúde física e mental dos candidatos.

O desenvolvimento do currículo exige cuidadosa discriminação das disciplinas, dando a cada uma a ênfase precisa, regulada pela importância que o conhecimento de seus fundamentos terá na formação do futuro médico.

Não esqueçamos o valor fundamental da integração e cor-

denação das diversas matérias, sendo óbvio que para tal haja um elevado espírito de cooperação entre os docentes.

Deve ser, naturalmente, estipulado o maior tempo possível para o bom aprendizado da clínica, com estágios obrigatórios, onde o trabalho de cada aluno possa ser orientado e incentivado.

E' mister desenvolver o raciocínio do estudante, encarecendo cada vez mais o importante papel do exame físico, ensinando-o a encarar o paciente como um ser humano nas suas relações com a profissão, com a família e com o meio em que vive. Muito se tem discutido se em uma clínica deve ter primazia o ensino ou o cuidado dos doentes. Sem dúvida é esse último, pois o que se deseja ensinar é como se cuida um doente e portanto basta cuidá-lo bem, de maneira adequada e completa, para que o aluno aprenda. O trabalho médico com o dos serviços auxiliares de enfermagem, de assistência social, carecem ser coordenados, fazendo-se sentir aos jovens o valor que eles têm no tratamento dos enfermos.

O papel da enfermagem com formação profissional através de cursos regulares, é da maior relevância nas clínicas hospitalares e muito contribui para a execução de um ensino efetivo e eficiente.

Por tal motivo também as escolas médicas devem assumir a responsabilidade do ensino de estudantes matriculados em escolas de enfermagem, pelo menos enquanto por questões financeiras elas não puderem se tornar autônomas.

Em qualquer disciplina é de valia a verificação freqüente do aproveitamento dos estudantes, feita por processo conveniente, para que os docentes, na compreensão exata de seus deveres, possam conhecer as deficiências ou as dúvidas de cada um, eliminando-as como é de seu dever precípuo.

A assiduidade dos docentes, o conhecimento da matéria a ensinar, a atenção que tiverem no planejamento e realização de suas lições, o cuidado no encaminhamento e no adiantamento de seus alunos, são outros fatores essenciais à realização de ensino eficiente.

Isso só não basta. E' preciso que haja correspondência equivalente dos estudantes, que, na escola, devem reconhecer os atrativos indispensáveis à execução dos trabalhos a que se propuseram.

Não devem olvidar que nela se matricularam para buscar as noções imprescindíveis que, como médicos, vão aplicar, mais tarde, em favor ou bem-estar de outros, seja aconselhando-os, guiando-os ou ensinando-os conforme os conhecimentos que adquirirem.

Durante o período de aprendizado, têm obrigação de desenvolver as próprias possibilidades para uma permanente aquisição de conhecimentos e ao mesmo tempo devem empenhar-se pela formação de suas personalidades como cidadãos na sociedade onde vão exercer a profissão.

Aos alunos cabe saber como obter, reter, adaptar e aplicar os conhecimentos que adquiram, pois sem dúvida, isso vale muito mais

do que o conhecimento enciclopédico de fatos e informações, imperfeitamente assimilados ou mal organizados e por isso cedo esquecidos.

Outro capítulo da máxima importância ainda queremos focar: a formação de especialistas. Já é tempo de abandonarmos o velho figurino que aceitamos; devemos ter visão nítida da realidade atual.

Não se pode querer ser especialista, sem ser antes e principalmente médico. A cultura básica da medicina geral é primordial para a formação dos especialistas. Entretanto nem sempre é assim feito. Seduzidos por um melhor resultado monetário (o cliente, mais facilmente, remunera melhor o especialista do que o médico propriamente dito) alguns profissionais procuram o treinamento mais rápido para usarem e usufruírem o ambicionado e festejado título.

Na América do Norte, a residência, assim chamada, porque se impõe ao candidato a moradia no hospital, foi estatuída para tornar os médicos particularmente competentes em um ramo da medicina. Com remuneração variável de 1.500 a 2.000 dólares anuais, casa e comida, o jovem médico recebe em troca instrução na especialidade escolhida, conforme programa bem desenvolvido e mais ou menos rígido, com duração de 2 a 5 anos, conforme a especialidade.

Em 1951, existiam em 1.120 hospitais americanos 20.277 lugares de residentes.

Após o aprendizado e com aprovação em exames feitos perante o Conselho da Especialidade é que podem ser reconhecidos como especialistas.

Imaginamos que, entre nós, onde a grande maioria dos hospitais não se encontra organizada com tais propósitos, melhor será, talvez, estabelecermos os cursos de especialização, como cursos de pós-graduação.

E' necessário e oportuno cogitarmos do estabelecimento de um regime legal, com determinações precisas sobre o problema da formação dos especialistas.

Lembre-mos que a multiplicação das especialidades com a dicotomização já em sub-especialidades, em campos cada vez mais reduzidos, tem despertado, tanto da parte do público, como da classe médica, uma reação para coibir os abusos não só dos exageros prejudiciais resultantes de subdivisões excessivas, como também para evitar a prática de especialidades por aqueles que se fazem especialistas antes de serem médicos.

Até a ironia de sátira mordaz da autoria de Tristan Bernard, relembando as velhas, candentes e conhecidas críticas de Molière, não falta para retratar com fortes traços o quadro atual.

Desejava um obeso reduzir o seu peso e por certo procura o especialista; este aconselha-lhe regime e exercício que produzem

o resultado desejado. Com o emagrecimento fraqueam-lhe as pernas; novo especialista e surge a terapêutica pelos banhos de lama que enrijando os músculos acarreta-lhe uma laringite. Outro especialista que cura-lhe a nova afecção com tratamento elétrico. Após êste, surgem-lhe tics nervosos, espasmos, etc. Busca um neurologista que prescreve-lhe brometo de potássio. Êste produz perturbações digestivas e com elas a consulta a mais um especialista. Regime alimentar é prescrito; o doente começa a engordar e cura-se mas retorna ao seu pêso primitivo. A teimosia do homem impunha-lhe a volta ao ciclo que já percorrera e consulta outro especialista em emagrecimento, o qual propôs resolver o caso pela equitação científica, dosado o tempo diário do exercício equestre e a variedade dêste. Montando fogoso corcel, o paciente sofre uma rodada, fratura o fêmus e surge novo especialista. Então, afinal, a medicina consegue de modo definitivo reduzir o pêso dêsse indivíduo, pois, grave lesão nervosa e vascular da coxa impõe a amputação e com ela diminuição de 36 quilos, obtida em dois ou três dias.

Outro ponto a assinalar é o do papel da pesquisa, essencial dentro de uma escola médica, não só para o progresso e desenvolvimento da ciência, como da maior importância para a ministração de um melhor ensino.

O professor não deve sòmente armazenar noções para transmiti-las aos alunos; êle precisa ensinar ao aluno como estas noções devem ser controladas, justificadas ou até modificadas. Para isto deve concorrer por seu trabalho nos laboratórios ou nas clínicas, com a equipe de seus auxiliares, para levar avante suas investigações, ao mesmo tempo que procura despertar nos alunos o interesse pela pesquisa.

"Quem pesquisa e falha, aprende; quem não pesquisa perde a oportunidade de aprender".

Assim como se aprende a ensinar, aprende-se a pesquisar; para que outros aprendam, ensina-se e pesquisa-se.

Bem sabemos quão árdua é esta missão em nosso meio. De um lado a falta de recursos, de outro a falta de tempo e até de espaço concorrem para dificultá-la.

O tempo integral é condição essencial à pesquisa. Aquêles que a ela se dedicam devem dar-lhe tôda a sua atividade, fora das horas consagradas ao ensino.

Como corolário segue-se uma indispensável e justa remuneração de todos os que se empregam em tal mister, sejam professores, sejam assistentes.

E' necessário demonstrar que o interesse pela pesquisa deve ser encarado pela comunidade como uma realização que todos devem auxiliar.

Encareçamos as vantagens desta ação para que a sociedade compreenda o elevado valor da investigação científica, dando-lhe a co-

nhecer os resultados que formos obtendo. Só assim, organizações privadas ou outras forças sociais, poderão concorrer com os fundos de que carecemos para a expansão desta atividade, correspondendo dêste modo àquilo que nada mais é do que um dever de todos em prol do bem comum. Já é conhecido que o melhor ensino é feito onde há um elaborado programa de pesquisas.

Estabelecidos os objetivos de uma escola médica tôdas as suas atividades devem ser organizadas e orientadas no sentido da mais perfeita execução de sua tarefa.

O exame e a discussão dos meios a empregar precisam ser conduzidos tendo em vista que o progresso científico, da mesma forma que a evolução dos métodos e processos educacionais exigem remodelações e adaptações freqüentes. Não é possível conceber desenvolvimento educacional sem reconstrução.

A inércia, imposta por prescrições a longo prazo, tem que ser substituída, pelo movimento regulado e contínuo dos que por competência e responsabilidade acreditam, como nós, ter chegado o momento de uma emancipação. Tenhamos a coragem de conquistá-la e demonstraremos em estreita união, por trabalho de íntima cooperação com liberdade de observação e julgamento, que, melhor do que outros, as Universidades podem fugir a caprichos transitórios, circunstâncias acidentais e impulsos ocasionais.

Seria de desejar que as Faculdades de Medicina do Brasil se unissem para estabelecer um mínimo de determinações básicas estatutárias, por tôdas aceito e, que firmassem o propósito de submeter umas às outras, em reuniões anuais, os diversos planos e os seus resultados quanto aos sistemas de admissão de alunos, aos currículos, aos métodos e processos de ensino, enfim de tôda a atividade que se relacione com os seus propósitos e onde possa haver diversidade de comportamento, perfeitamente justificado, e especialmente autorizado. Assim com a cooperação de todos, em trabalho coordenado, resultaria obra de envergadura; estaríamos certos, de resultado plenamente satisfatório.

Longe iríamos, se tivéssemos tido o propósito de traçar programa completamente novo, talvez aconselhável; se tivéssemos encarado os métodos e processos de ensino a exigirem atualização; se tivéssemos abordado e esmiuçado um sem número de evidentes problemas a reclamarem solução.

Cabe a vós, senhores professores, resolvê-los! Sabemos perfeitamente que a Congregação, interessada como está, vai oportunamente considerá-los com carinho e, após cuidadoso estudo, indicará a orientação a seguir.

Nada fizemos que não tenha tido a vossa aquiescência; nada faremos sem a vossa esclarecida e valiosa contribuição!

Elevemos a nossa Universidade, e, a Vossa Magnificência, onde se encontram sintetizadas as máximas qualidades de inteligência, de caráter e de ação, entreguemos a solidariedade de nossos esforços

para demonstrarmos que temos o direito de pensar porque sabemos pensar, que temos o direito de querer porque sabemos como se deve e como se pode querer.

Façamos da Universidade um grandioso foco de elaboração mental, e através dela afirmemos o nosso magno interesse em dar ao Rio Grande do Sul e ao Brasil uma diretriz educacional onde possamos corrigir e afastar os atuais problemas da sociedade em que vivemos, permitindo que nossas escolas venham a ser os focos de irradiação dos sãos princípios que têm de nortear, em um meio que rapidamente evolui, os destinos seguros da juventude.

Aseguramo-vos que, de nossa parte, reconhecemos a brilhante atuação de todos vós e se alguma valia nos cabe é de ter sabido recolher os vossos anelos, de pleitear a execução de vossos planos.

Amanhã, como ontem, seremos o porta-voz das aspirações que tiverdes.

Caros alunos, muito obrigado. A vossa palavra cheia de entusiasmo e, por isto mesmo, de exagêros, quando vislumbrais atributos que nos escasseiam, será guardada e recordada como um forte incentivo para que, sem desalento, possamos prosseguir na tarefa que nos incumbe — a da vossa educação médica, como guias e orientadores do vosso aprendizado na escola, para que no futuro possais ter a ventura de recolher os aplausos que consagrarem as vitórias obtidas.

Caros colegas, diante da vibração emotiva que, com esbanjamento provocastes pelas generosas palavras de vosso orador, fizestes ressaltar exclusivamente a fidalguia e a bondade excessiva de convívio, pelo bem-querer que vê e exalta merecimentos, onde apenas desvalia poderiam encontrar; só nos resta, honrados, limitarmos a sinceros e cordiais agradecimentos, afirmando-vos que turbilhonam em nosso coração profundos sentimentos de gratidão os quais reconhecidamente proclamamos, fazendo votos pela grandeza de nossa Escola e de nossa Universidade, para glória do Rio Grande do Sul e do Brasil.